



**Bianca Camargo Martins
(Organizadora)**

Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3

Atena
Editora

Ano 2019



**Bianca Camargo Martins
(Organizadora)**

Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-846-5 DOI 10.22533/at.ed.465191912 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série. CDD 711
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3” ressalta a multiplicidade de enfoques e abordagens relacionadas à arquitetura e ao espaço urbano, disseminando visões e saberes acerca desses conhecimentos.

Em tempos em que a divulgação científica é vital para a continuidade das importantes pesquisas aqui desenvolvidas, a Atena Editora reafirma seu compromisso em ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MUSEU SENSORIAL DO CERRADO SENSORIAL MUSEUM OF CERRADO	
Fabiane Krolow	
Karina Marcondes Colet	
Paulina Aparecida Damin Soldatelli	
Paula Roberta Ramos Libos	
DOI 10.22533/at.ed.4651919121	
CAPÍTULO 2	14
TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA	
Ícaro Fassoli	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.4651919122	
CAPÍTULO 3	32
AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO	
Richardson Thomas da Silva Moraes	
Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.4651919123	
CAPÍTULO 4	48
INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	
Giselle Carvalho Leal	
Thayse Fagundes e Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4651919124	
CAPÍTULO 5	60
ACESSIBILIDADE EM PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DO CENÁRIO DO CONJUNTO FRANCISCANO EM JOÃO PESSOA-PB, POR PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA	
Deborah Padula Kishimoto	
Raissa Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.4651919125	
CAPÍTULO 6	72
OS TOMBAMENTOS VIA LEIS MUNICIPAIS, VALIDADE E IMPLICAÇÕES: O CASO DA MANCHA FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA- RS	
Cristiane Leticia Oppermann Thies	
Daniel Maurício Viana De Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4651919126	

CAPÍTULO 7	83
O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO – CAMPUS SÃO PAULO	
Amanda Regina Celli Lhobrigat Melissa Ramos da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4651919127	
CAPÍTULO 8	96
O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES: O CASO DOS TRABALHOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO PÓS DESASTRE	
Magno augusto coelho santos	
DOI 10.22533/at.ed.4651919128	
CAPÍTULO 9	108
ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DECORATIVA: A POLICROMIA DO RETÁBULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCOS DA PENITÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS/SC	
Laís Soares Pereira Simon	
DOI 10.22533/at.ed.4651919129	
CAPÍTULO 10	122
ESTADO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA DEL CARMEN DE LA VILLA 25 DE MAYO, MENDOZA – ARGENTINA	
Guadalupe Cuitiño Alfredo Esteves Laura Najjar	
DOI 10.22533/at.ed.46519191210	
CAPÍTULO 11	134
CAPOEIRA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO PARA FOMENTAR A AFROCIDADANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL	
Luciene Gustavo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191211	
CAPÍTULO 12	147
A CIDADE DE BIRIGUI - SP E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO PAISAGÍSTICO: O MERCADO MUNICIPAL E SUA PRAÇA ADJACENTE	
Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa Jayne Lopes Moura	
DOI 10.22533/at.ed.46519191212	
CAPÍTULO 13	159
A PAISAGEM CULTURAL DE AMARANTE, PI E A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
DOI 10.22533/at.ed.46519191213	

CAPÍTULO 14	172
ANÁLISE DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO E A PAISAGEM CULTURAL EM VERANÓPOLIS/RS – BRASIL	
Paula Fogaça Alina Gonçalves Santiago Dirceu Piccinto Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46519191214	
CAPÍTULO 15	190
HISTÓRIA, CULTURA E LAZER EM CONEXÃO: INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO PARQUE DA CIDADANIA NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
Lara Jhélia de Sousa Sampaio Mariana Luiza Bezerra Sampaio Hanna Morganna de Deus Alves Augusto César Barros de Moura Neiva Myrlla Lorene de Macedo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.46519191215	
CAPÍTULO 16	202
A ATIVIDADE COMERCIAL EM FEIRA DE SANTANA (BA): USOS DO ESPAÇO PÚBLICO	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.46519191216	
CAPÍTULO 17	217
MINHOÇÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES	
Maria Isabel Camañes Guillén	
DOI 10.22533/at.ed.46519191217	
CAPÍTULO 18	231
DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL	
Mônica Peixoto Vianna Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão Hugo Fernando Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.46519191218	
CAPÍTULO 19	244
EFEITOS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO NA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS	
Teresa Cristina Guerra de Andrade Maria Luiza Almeida Cunha de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.46519191219	

CAPÍTULO 20	256
A EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ COMANDADA PELA CTNP E SEUS FUNCIONÁRIOS DO ALTO ESCALÃO	
Layane Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.46519191220	
CAPÍTULO 21	264
A OFERTA IMOBILIÁRIA DE SALVADOR PARA A ALTA RENDA: UTOPIAS, ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS	
Sarah Nascimento dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.46519191221	
CAPÍTULO 22	278
URBANISMO BIOCLIMÁTICO: AMBIÊNCIA URBANA E PATRIMÔNIO DA PRAÇA TOCHETTO EM PASSO FUNDO, RS	
Evanisa Fátima Reginato Quevedo Melo Mirian Carasek	
DOI 10.22533/at.ed.46519191222	
CAPÍTULO 23	290
MODIFICAÇÃO DA HABITAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO NO CONJUNTO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL EWERTON MONTENEGRO GUIMARÃES EM VILA VELHA-ES	
Bruna Gonçalves Merisio Cynthia Marconsini Loureiro Santos Liziane de Oliveira Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.46519191223	
CAPÍTULO 24	302
REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: INFLUÊNCIA DO PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADA PELO ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA PÚBLICA (EPTEC) PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA	
Eufrosina de Azevêdo Cerqueira Diogenes Oliveira Senna Adriele Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191224	
CAPÍTULO 25	316
POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO URBANA: O CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Reginaldo Magalhães de Almeida Iara Cassimiro de Oliveira Luiza Abreu Campos Almir Teixeira Esquárcio Julia Malard Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191225	

CAPÍTULO 26	328
POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI - BA	
Bruno Miola da Silva Poliana Bomfim Coutrin	
DOI 10.22533/at.ed.46519191226	
CAPÍTULO 27	344
AVALIAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA MANUSEIO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NAS HABITAÇÕES MULTIFAMILIARES DO RIO DE JANEIRO	
Alice Magalhães Garcia Souza Maria Cristina Moreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.46519191227	
CAPÍTULO 28	357
MECANISMO INTELIGENTE DE GERAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA COM O AMBIENTE AUTOMATIZADO	
Wanessa Glanzel Hoffmann Josana Fernandes da Rosa Marcos Rocha Galvão Fagundes de Souza Cleverson Porto da Silva Fernanda Barreto Rafael Bastos Duarte José Wanderson Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191228	
CAPÍTULO 29	370
O RIO GRANDE DO SUL E AS FONTES SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DA MATRIZ ENERGÉTICA DO ESTADO	
Denise de Souza Saad Danielle de Souza Saad Caryl Eduardo Jovanovich Lopes Clarissa de Oliveira Pereira Hugo Henzel Steinner	
DOI 10.22533/at.ed.46519191229	
CAPÍTULO 30	380
ESTUDO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM PONTES E VIADUTOS DE CONCRETO ARMADO NA CIDADE DE CUIABÁ-MT	
Guilherme Antonio Rosa e Silva Nogueira Barbosa Camila Raia Santos Bastos Raquel Alves Fernandes da Silva Maria Fernanda Fávero Menna Barreto Ana Paula Maran	
DOI 10.22533/at.ed.46519191230	
CAPÍTULO 31	393
INFLUÊNCIA DA ADIÇÃO DE AGREGADO RECICLADO EM CONCRETOS: UM ESTUDO SOBRE O CISALHAMENTO EM ELEMENTOS ESTRUTURAIS	
Max Silva Michelle Cordeiro	

CAPÍTULO 32	406
REAPROVEITAMENTO DA CONCHA DE MARISCO COMO AGREGADOS EM ARGAMASSAS E CONCRETOS NÃO ESTRUTURAIS	
João Manoel de Freitas Mota Ronaldo Faustino da Silva Yuri Barros Lima Moraes Ângelo Just Costa e Silva André Miranda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46519191232	
CAPÍTULO 33	417
AZULEJARIA BRASILEIRA E DESIGN	
Flávia Marques de Azevedo Esperante	
DOI 10.22533/at.ed.46519191233	
CAPÍTULO 34	424
CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	
Ana Laura Vianna Villela Gabriela Borges da Silva Emanuelli Schneiders Aléxander Augusto Ortmeier Maryon Brotto Isadora Zanella Zardo	
DOI 10.22533/at.ed.46519191234	
CAPÍTULO 35	441
PLANEJAMENTO URBANO EM SÃO PAULO, FASE PIONEIRA DOS ANOS 1950-60	
Adilson Costa Macedo Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.46519191235	
CAPÍTULO 36	447
POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL: FUNDAMENTOS PARA A ARQUITETURA EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL	
Vera Santana Luz	
DOI 10.22533/at.ed.46519191236	
CAPÍTULO 37	472
COMO O URBANISMO TEM SIDO OPERADO EM PROCESSOS DE CONCESSÃO: A APLICAÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA	
Carolina Heldt D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191237	
SOBRE A ORGANIZADORA	493
ÍNDICE REMISSIVO	494

MINHOCÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES

Maria Isabel Camañes Guillén

Professora Doutoranda, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2017-atual), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição, São Paulo, Brasil.

RESUMO: O artigo resulta da observação de um território e de seus modos de usar, seja como diferentes temporalidades ou territorialidades propostas pelos usuários, por meio da apropriação de espaços que expressam as relações de convívio cotidiano ou de intervenção eventual, como no caso do Minhocão, que se torna espaço de convívio e de conflitos. Os bairros da Santa Cecília, Campos Elísios e Barra Funda compõem juntamente com a estrutura do Minhocão o objeto de estudo que vai manifestar as contradições e interações manifestas nas relações sociais dos habitantes desta parcela da cidade, com o objetivo de criar um olhar atento às pré-existências e cadências do cotidiano para embasamento de arquitetos e pensadores do ambiente e projetos de cidade. O Minhocão se destaca como um dos suportes urbanos encontrados na região onde as experiências sociais se manifestam e se evidenciam na ambiguidade da condição deste espaço, ao mesmo tempo marco histórico

da cidade e cicatriz urbana, ao dividir a região em duas porções, tanto no sentido vertical quanto no horizontal, segregando a região do entorno, e contribuindo para desqualificação da área. As diferentes formas de apropriação do espaço público e a identificação das qualidades que são atribuídas ao espaço por meio destas apropriações permitem entender como o espaço adquire atributos por meio de sua ativação. O método inclui observações de campo realizadas entre os anos de 2014 a 2016, nas quais pode-se observar por meio de material fotográfico, o cotidiano daqueles que habitam aquela porção da cidade, desde aqueles sujeitos marginalizados que habitam as ruas e procuram abrigo nas noites frias, prostitutas até os habitantes, passantes e trabalhadores e o seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Minhocão, espaço público, apropriações, território, cotidiano.

MINHOCÃO: BETWEEN THE TRANSGREDIR AND MEDIATE COLLECTIVE GOODS PRODUCED FROM RESIDENTE INITIATIVES, MOVEMENTS AND ORGANIZATIONS

ABSTRACT: The article results from the observation of a territory and its ways of using, either as different temporalities or territorialities proposed by the users, through the appropriation

of spaces that express the relationships of daily living or intervention Possible, as in the case of Earthworm, which becomes a space for conviviality and conflict. The neighbourhoods of Santa Cecilia, Champs-Élysées and Barra Funda compose together with the structure of Minhocão the object of study that will manifest the contradictions and interactions manifested in the social relations of the inhabitants of this part of the city, with the aim of Create a watchful eye to pre-existences and cadences of everyday life for the foundations of architects and thinkers of the environment and city projects. The earthworm stands out as one of the urban supports found in the region where the experiences are manifested and are evident in the ambiguity of the condition of this space, at the same time historical landmark of the city and urban scar, by dividing the Region in two portions, both vertically and horizontally, segregating the surrounding region, and contributing to disqualification of the area. The different forms of appropriation of the public space and the identification of the qualities that are attributed to the space through these appropriations allow us to understand how the space acquires attributes through its activation. The method includes field observations carried out between the years 2014 to 2016, in which it can be observed through photographic material, the daily lives of those who inhabit that portion of the city, from those marginalized subjects who inhabit the streets and seek Shelter on cold nights, prostitutes to the inhabitants, passers and workers and their daily lives.

KEYWORDS: Minhocão, public space, appropriations, territory, daily life.

1 | INTRODUÇÃO

A dimensão social de apropriação dos espaços públicos norteia o desenvolvimento deste trabalho, visando uma leitura do território, fruto de ações e processos humanos e políticos. Verificando as temporalidades do tecido urbano e atribuindo o respectivo sentido das relações sociais, buscamos, na observação empírica, o quê da forma urbana pode ser legitimado por meio do uso, o que a transforma e como ela se expressa em diferentes momentos da história da cidade e dos arranjos sociais que a compõem. A territorialidade e temporalidade escolhida para observação é o Minhocão, nome popular dado ao Elevado João Goulart, e suas áreas adjacentes, fruto da investigação realizada no grupo de pesquisa Culturas e Cidade e as pesquisas de estudo de caso da dissertação de mestrado da autora (GUILLÉN, 2016), finalizado em 2015. O projeto de pesquisa “Culturas e cidade: teorias e projeto”, cuja proposta, em investigar “estruturas físicas da cidade, lugares habitados em tempo transitório e amparo das práticas urbanas como expressões culturais e significativas da sociedade na vida cotidiana, em sua elementaridade morfológica e realidade sociológica”, buscava aprender, para o projeto, “a pluralidade de expressões da vida cotidiana” (VILLAC et al. 2016).

A curiosidade a respeito da vida cotidiana dos habitantes e usuários da região e das pré-existências dos bairros criaram as premissas da investigação para iniciar

o questionamento central dado pela postura mais participativa dos arquitetos na consideração do cotidiano local no projeto. A observação das práticas do cotidiano, dos “praticantes da cidade” (JACQUES, 2014), nas apropriações corporais auto expressivas e autorreguladas, em seu caráter de experimentação espontânea dos espaços, expressam rupturas com os padrões massificados (ARANTES, 2009) e apontam novas práticas simbólicas. A observação empírica e a experiência urbana do cotidiano sugerem um estado de deslocamento do cidadão como que habitante de “não lugares” (AUGÉ, 1994) (assentamentos desprovidos de significado).

É nesse sentido que se debruçar sobre a vida cotidiana e sociabilidades urbanas, como recortes da realidade que permitem atravessar as aparências massificadoras da cultura, tem sido uma postura de investigação cada vez mais anunciada nas abordagens analíticas dos mais diversos campos disciplinares. Existe aí um reconhecimento de que as atividades corriqueiras do dia a dia carregam elementos informantes dos traços sociais, psicológicos, culturais, entre outros, e, portanto, das dimensões individuais e coletivas da realidade. (KATO, 2014)

A observação do espaço público e das relações sociais entre seus usuários e a cidade, verificando quais os significados do Elevado e como sua apropriação interfere no cotidiano e na vida dos cidadãos que vivem naquela região, é objetivo desta pesquisa, assim como o entendimento de como estas relações se desenrolam, onde e como seus efeitos são produzidos e que mecanismos e contraposições imprimem.

Verifica-se no espaço dito contemporâneo uma dicotomia intocável na instituição e na prática que se manifesta ainda distante, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização. (FOUCAULT, 2001: 413)

No sentido de fugir desta sacralidade na leitura do território Minhocão, busca-se nas heterotopias de Foucault, analogias às apropriações encontradas nestes territórios. Verifica-se que a transformação de espaços promovidas pelas ocupações neste território de estudo rompe não só no sentido de transgredir a lei de propriedade, no caso pública, de apropriar-se do bem “alheio”, como também desequilibra a ordem vigente, a ordem heterônoma, imposta, não participativa e, por tudo isso, não democrática. Os diferentes usos do espaço urbano, são questionados nas ocupações dos moradores de rua que ocupam o espaço público assim como aqueles os transuntes, que representam a vivacidade destes espaços, conferindo-lhes pertencimento ao espaço urbano. Isso, porque, sem os sujeitos a reprodução destes espaços e sua significação para o contexto mais amplo da cidade torna-se nula.

Por mais relevante que seja o substrato, do ângulo da mudança social é evidente

que ele não tem interesse isoladamente; não importa o espaço social “morto”, mas sim o espaço “vivo”, que é “vivificado” pela sua relação com os seus produtores. E o espaço social, em suas várias facetas, por condicionar as relações sociais, é uma dimensão essencial da sociedade concreta. (SOUZA, 2006, p. 111)

Procura-se estabelecer uma interpretação por meio da aplicação de abstrações sobre situações de uso dos espaços públicos, incorporando as contribuições da sociologia da vida cotidiana, de acordo com autores aqui referenciados. Segundo Zioni e Kato (2012, p.6): “as experiências de espacialidade e as atribuições de sentido são socialmente construídas e, por isto mesmo são prenes de conflitos e intermediações”.

A tomada do objeto de estudo se estabelece pela observação sistemática nas áreas do Elevado e também nas áreas adjacentes ao viaduto, por meio de observação empírica e contexto histórico. Para tanto, foi eleito o método da “caminhada exploratória” (CARERI, 2013), com o objetivo de estabelecer um reconhecimento de diferentes perspectivas, sejam elas, a observação pelo usuário do automóvel nas vias inferiores ao elevado e na parte superior, pelo usuário da bicicleta nos percursos da ciclovia localizada sob o Minhocão, e pelos pedestres, durante o percurso de suas caminhadas, seja no cotidiano, por meio dos deslocamentos diários ou pelo uso de lazer dos que caminham sobre o Minhocão aos finais de semana.

A observação direta se mostra uma técnica importante de pesquisa que pode incorporar uma variedade de procedimentos, desde observação visual, auditiva, fotográfica, como produção cartográfica, pressupondo contatos não verbais com o observador, podendo ser aplicada a uma gama limitada de dimensões do social. Percebe-se que “o caminhar tem produzido arquitetura e paisagem, e que essa prática, quase inteiramente esquecida pelos próprios arquitetos, tem sido reabilitada pelos poetas, filósofos e artistas, capazes precisamente de ver aquilo que não há para brotar daí algo.” (CARERI, 2013).

2 | A MORFOLOGIA DO TERRITÓRIO

O Minhocão é um território que estabelece uma das ligações possíveis entre a Praça Roosevelt, no centro da cidade, e a Largo Padre Péricles, na Água Branca/Perdizes. O percurso do Minhocão segue pela Rua Amaral Gurgel, a Praça Marechal Deodoro, parte da Avenida São João e a Avenida General Olímpio da Silveira, atravessando assim os bairros de Água Branca, Santa Cecília, Higienópolis e Centro, inaugurado em 1970 com o nome de Elevado Costa e Silva que, juntamente ao Edifício Praça Roosevelt, inaugurado um ano antes, constituiu a ligação Leste-Oeste. O elevado materializou o caráter de monumentalidade que se pretendia para uma metrópole em plena era do progresso e ascensão do automóvel, carregando

consigo a condição histórica de sua construção.

“Batizado em homenagem ao marechal presidente que abriu caminho à radicalização do jugo militar, seu nome oficial reforça tais associações com o período sombrio – o peso dos anos de chumbo, a linha dura imposta à força, os tenebrosos porões do regime. ” (CAMPOS,2008, p.20)

O extenso viaduto rasgou o centro da capital paulista, configurando uma verdadeira cicatriz, mostrou-se um elemento desproporcional que encimou a vida doméstica dos apartamentos praticamente encostados ao artefato, desenvolvendo um processo de degradação das edificações e do entorno urbano logo que foi implantado. Tomando os planos horizontais e verticais como referência, pode-se dizer que o plano vertical dividiu o centro tradicional dos bairros de Campos Elíseos e Santa Cecília, regiões mais valorizadas da cidade

Os planos superior e inferior não se sobrepõem, estabelecendo universos separados, sem permitir interações. A parte superior é tomada pelos automóveis, pelo fluxo, pela velocidade ou a ausência dela, no caso dos congestionamentos, visto que o elevado foi concebido sem vias de escape.

Como limite para esses dois universos paralelos, há o que é lindeiro, o que emoldura: o entorno. Para Campos (2008)., a drástica desvalorização do entorno de uma região até então extremamente interessante à construção vertical contribui para que o Minhocão adquirisse uma aura transgressora.

A porção subterrânea, a qual lhe atribuiu o nome popular do ser rastejante, estabelece a interação com a cidade, com os habitantes durante os períodos em que a porção superior está tomada por automóveis e mantém uma aura transgressora por caracterizar-se por uma zona de ocultação, de sombras. Trata-se de uma região extremamente adensada e verticalizada, com grande parcela de imóveis já estabelecidos há época de sua construção. Novos empreendimentos na região surgem em alguns locais por conta da especulação do Parque Minhocão.

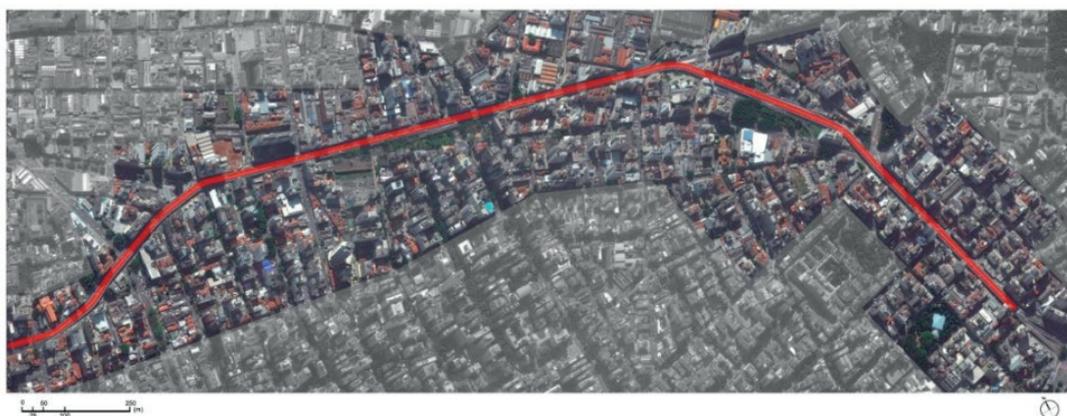


Figura 01: Destaque para região de estudo com incisão do Elevado

FONTE: Autora sobre Mapa Digital da Cidade (MDC).

O espaço intermediário seria compreendido aqui como uma indefinição, um

espaço aberto às significações entre espaços definidos, espaços estes que seriam os agentes catalisadores, motivadores dessas ações dos usuários, desses eventos, desses acontecimentos inesperados que surgiriam e permaneceriam sempre em processo, transitórios, jamais se firmando como atividade dominante que pudesse se transformar em uma convenção de uso, e onde o programa não seria determinado pelo arquiteto, mas mutável, estaria sempre sendo solicitado e conformado por essas ações. Nesse caso, o papel do arquiteto residiria na tentativa de promover uma interação-articulação entre o definido e o não definido, o desenho e o não-desenho, o macro organizações e setorizações espaciais para que esses eventos possam eclodir ou intensificar-se. O desafio residiria justamente na montagem dessas articulações. (GUATELLI, 2012, p. 33).

É uma paisagem constante a apropriação dos territórios pelos moradores de rua, catadores, pixadores, grafiteiros e diferentes coletivos artísticos. “As populações inseridas nas dinâmicas informais hoje transbordam os limites espaciais tradicionais [...] Infiltram-se nas fissuras do tecido urbano, nos desvãos do construído [...] habitam as dobras e as fissuras da cidade”. (PEIXOTO, 2004, p. 426).

Neste sentido vamos verificar como este território que estabelece uma ruptura e cria um espaço entre dois lugares, a porção superior e inferior pode criar novas territorialidades e temporalidades, estabelecendo a disseminação de lógicas heterotópicas. Estas lógicas se sobrepõem a diferentes espaços, disseminando a ideia de um lugar com identidade e função únicas.



Figura 02: Moradores de Rua e o Minhocão.

FONTE: Foto da Autora (Data: 28.02.2014)

“A palavra heterotopia vem da junção de hetero (diferente, outro) e topos (lugar). O termo é empregado no contexto da medicina e da biologia a partir dos anos de 1920, para referir-se à formação de tecidos orgânicos em lugares não usuais, que não interferem com o funcionamento e desempenho dos órgãos nos quais se desenvolve. Designa fenômenos em que tecidos com as mesmas características daqueles de um determinado órgão formam-se em um outro órgão, no qual não desempenham função alguma, não sendo essa formação normal, pois encontra-se deslocada em relação à sua origem” (CASTRO, 2015, p.3).

Na observação empírica, e considerando-se o espaço - a partir de Milton Santos - como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações (SANTOS, 2012, p.21), nossos registros acerca dos jeitos de usar o espaço da cidade, de lhe atribuir sentido e significado, passou por elencarmos permanências e transformações na forma urbana que pudessem estar associadas a “territorialidades, pertencimento e estéticas plurais” (VILLAC et al. 2016).

Na intersecção das diferentes temporalidades das esferas da vida cotidiana as apropriações dos espaços públicos urbanos na cidade contemporânea direcionam para formas de transgressão da normatização dos usos do território, configurando modos criativos de viver a cidade, com usos informais e inusitados dos elementos urbanos, como calçadas, muretas, praças, etc., deixam aflorar modos de reinterpretação das determinações sociais, muitas vezes como resistência e como mecanismo de tornar visível a diferenciação cultural ou revelar que cultura se dá no plural. (VILLAC et al. 2016).

Na pesquisa Culturas e Cidade, por meio da observação do território identificaram-se suportes urbanos da vida social, que foram entendidos como espaços onde se dão a tensão, os conflitos e confrontos, de forma espontânea, nas cidades contemporâneas. Por meio da investigação destes mostram-se as culturas do cotidianos, associadas ao seu valor de uso, são eles: a rua, a praça, edifícios e estruturas de apoio da vida cotidiana (VILLAC et al. 2016). Nestes locais, se dão as relações cotidianas de “uso efetivo do território”.



Figura 03: Edifício antigo residencial com comércio no térreo – Av. São João.

FONTE: Foto da Autora (Data: 28.02.2016).

As observações deste território, identificaram um bairro consolidado onde encontramos diferentes maneiras de apropriação e até de demarcação do território,

dadas pelos vínculos de diferentes naturezas que as pessoas parecem estabelecer com o lugar.

3 | O ESPAÇO DE MEDIAÇÃO E TRANSGRESSÃO

Por meio de um aporte histórico verificou-se que o Minhocão foi tomado por intervenções como suporte desde sua inauguração, configurando territorialidades distintas daquelas previstas inicialmente. Os movimentos tinham como motivação a diminuição do impacto da construção no entorno da região, procurando amenizar a percepção daquele equipamento que promoveu uma ruptura no tecido urbano daquela região. Em 1997, a FUNARTE (Fundação Nacional de Arte) propõe a realização do Projeto Elevado à Arte, cujo propósito era pintar os 54 mil m² de extensão que compõem o elevado. Essa proposta, de caráter permanente procurava se aproximar-se do grafismo dos sinais de trânsito, a partir das cores e formas utilizadas nas laterais da estrutura.

O lugar de encontro e o caráter multifuncional da rua tem se perdido, assim como a sociabilidade e a vida em comum, tornando e os espaços livres públicos cada vez menos geridos e mantidos. Percebe-se uma tendência de privatização dos espaços: ruas são fechadas por cancelas, praças e parques são gradeados, com a justificativa de ampliar a segurança (ALBERNAZ, 2007). Em contraponto, o espaço apropriado por meio das práticas cotidianas é mais do que um espaço concreto: é percebido, vivido, subjetivado, ressignificado. Já não é espaço consumido, mas, sim, lugar afetivo e simbólico, relacionado à “experiência antropológica, poética ou mítica do espaço”. Certeau (2011, p. 172). Para Certeau (2011) os “usuários” das cidades possuem a capacidade de superar a condição de meros consumidores passivos, convertendo-se em “cidadãos”. O autor ilustra que o ato de caminhar é a privação do lugar em um processo constante de sua procura, o que faz dele uma experiência social, e assim faz da cidade um recinto próprio para as experimentações, um laboratório que torna possível ao usuário extrair fragmentos durante o percurso.

Outras atividades fizeram parte da história do Minhocão como o percurso da corrida de São Silvestre entre 1980 e 2010, e as atividades frequentes de skatistas e ciclistas.

Em 2009, o fotógrafo Felipe Morozini realizou uma intervenção denominada Jardim Suspenso da Babilônia, onde foram desenhadas grandes flores, com cal, na superfície do equipamento. Já em 2012, o Festival Baixo Centro simulou o que poderia vir a ser o Parque do Minhocão, e que atualmente já é lei e polêmica de debate entre diferentes atores do movimento de ocupação civil.

O Baixo Centro foi um festival de rua colaborativo, horizontal e independente, realizado por uma rede aberta de produtores interessados em ressignificar a região

da capital de São Paulo em torno do Minhocão. Com o mote “as ruas são pra dançar”, buscou estimular a apropriação do espaço urbano pelo público a quem, de fato, pertence, procurando conferir-lhe o atributo de espaço público.

Outras iniciativas continuaram a desenvolver-se com o mote de atribuir ao Minhocão e seu entorno características mais domésticas, diminuindo o impacto da estrutura nas habitações. Assim vieram o jardins verticais, em empenas cegas dos edifícios, com a coordenação do Movimento 90°, e o trabalhos individuais de artistas precursores. A 10ª Edição da Bienal de Arquitetura de São Paulo, com o tema Cidade: Modos de Fazer, Modos de Usar, também estabeleceu intervenção no Minhocão, assim como iniciativas coletivas articuladas por moradores, como a Festa Junina no Minhocão. Em 2014, as feiras gastronômicas, na edição da Virada Cultural, instalaram-se no Elevado seguidas de diversas atividades.



a) Jardim Vertical

b) Mural

Figura 04: Empenas dos edifícios com Jardim Vertical – Av. Amaral Gurgel e Mural do artista Tec – Parte superior Minhocão.

FONTE: Foto da Autora (Data: 12.05.2016).

O Grupo de Teatro Esparrama concebeu um espetáculo, discutindo a convivência cotidiana com a velocidade, a poluição e o barulho e João Sodré, colaborou com o documentário Elevado 3.5 (2007), um panorama da realidade de quem convive com o Minhocão.

Nos baixios do Minhocão e suas vias adjacentes, diferentes relações e microssituações constituem diferentes suportes, contrapondo com a Enquanto a via expressa superior que escoo o trânsito de veículos. Esta porção inferior se divide entre a estrutura do artefato, as ruas, o trânsito, o comércio e os edifícios, um

lugar motivador de apropriações de caráter artístico e transgressor, como o grafite, apropriações não autorizadas que se comunicam com os usuários daquele local, sejam eles pedestres ciclistas ou motoristas.



a) Público no Minhocão

b) Grupo Esparrama

Figura 05: Público e apresentação do Grupo Esparrama no Minhocão.

FONTE: Disponível em: < <http://arteessenciadavida.blogspot.com.br/2014/02/grupo-esparrama-da-janela-de-um.html> >. Acesso em: 25.11.2015.

Os baixios do Minhocão constituem diferentes suportes e suplementos, relacionando, segundo Derrida, apud Tschumi (1999), o suplemento às atividades não previstas em sua intenção original, adicionando sentido à obra, que supera a ideológica, descrita como suporte, através de novos sentidos e significados.

A primeira intervenção no Minhocão teve autoria de Flávio Motta e Marcello Nitsche, e explorava as variáveis de tempo e de posicionamento, conceitos da arte cinética para a percepção da obra. Segundo o artista, o objetivo do projeto era tornar a cidade um campo de relacionamento urbano mais amplo. Intitulada Caminhos do Jaraguá, a intervenção tomava partido da sequência dos pilares do ponto de vista do deslocamento do motorista, e marcava sua sequência da região central à zona Oeste, onde à época era possível se avistar o Pico do Jaraguá. Outras iniciativas vieram depois, tomando também os pilares como suporte. Em 2013, o projeto Giganto, promovido pelo SESC de autoria da jornalista Raquel Brust em 2014 o projeto Máscaras Afro-Brasileiras que no total envolveu 20 pilares.

A cidade-panorama a que Certeau (2011) se refere como sendo resultado de uma remota observação, platonicamente empreendida do alto de um edifício, se contrapõe ao embaixo, ao down, onde estão confinados os praticantes ordinários da cidade, cujas impossibilidades visuais efetivam a mobilidade opaca e cega da cidade habitada. É no rés-do-chão que os passos da pressa moldam espaços e tecem lugares que efetivam a cidade por meio de um processo de apropriação do sistema topográfico e da realização espacial do lugar, implicando, segundo o autor, em contratos pragmáticos sob a forma de movimentos.

Os experimentos artísticos, que têm como a cidade fonte de inspiração, reflexão e atuação, poderão revelar dimensões do urbano normalmente negligenciadas ou friamente capturadas em sistemas de coordenadas e previsões pelos estudos

urbanos tradicionais, tais como: sistemas de forças, transitividades, ritmos e qualidades expressivas do território que são extraídas e extendidas em afectos a perceptos (DELEUZE E GUATTARI, apud JACQUES, 2005, p. 125).

4 | RESULTADOS / CONCLUSÃO

A investigação resultou em uma diversidade de modos de usar do território, seja como temporalidades do cotidiano, seja como diferentes territorialidades propostas pelo usuário, por meio da apropriação de espaços que expressam as relações de convívio cotidiano e também podem intervir de alguma forma no território, atribuindo-lhe atributos diferentes, como no caso do Minhocão, que se torna espaço de convívio e de conflitos.

É possível classificar tais intervenções em: espontâneas; aquelas apoiadas nas atividades do cotidiano; ou eventos, aquelas que possuem um sentido de particularidade, pelo fato de produzirem transformações mais significativas aos espaços públicos em que se aplicam, seguindo, portanto, temporalidades distintas: as espontâneas acontecem com uma maior frequência e as singulares, denominadas aqui de eventos, tem frequência menor, são eventuais. As primeiras estão apoiadas ao uso cotidiano, e as segundas, ao fato de possuírem habilidades requalificadoras do espaço urbano “[...] eventos memoráveis deixam marcas duradouras nos lugares e dão forma aos espaços públicos, transformando pouco a pouco as cidades”. (FONTES, 2013).

Há também as qualidades do subversivo e ativo, a rede fragmentada e temporária de estruturas funcionais que ocupa os interstícios do tecido urbano e promove a escrita temporária de seus espaços públicos e que revela uma habilidade subjetiva na tarefa de conquistar o espaço: trata-se de formas de resistência à normatização do espaço público da cidade contemporânea, trazendo toda a dimensão subversiva da apropriação temporária.

Estas apropriações temporárias podem ser comparadas às heterotopias, dissolve-se a noção de um lugar ao qual se acopla uma identidade única e uma função exclusiva. Um mesmo espaço-lugar projetado e construído segundo lógicas funcionais estritas comporta múltiplos estratos superpostos ou sobrepostos e temporalidades cambiantes, redesenhando os limites, os recortes e as temporalidades usuais dos espaços urbanos. (GUATELLI, 2012)

Essas intervenções se pautam na intenção estética ou transformadora, como as intervenções artísticas ou arquitetônicas, que se caracterizam pela “vontade de interagir, ativar, produzir, expressar, mover e relacionar, agitando os espaços e as inércias através dos acontecimentos ou eventos.” (FONTES, 2013). Encontram-se também qualidades do interativo, do participativo, do relacional, da qualidade de

interação dos usuários de conexão e relação com os espaços de apropriação das intervenções e com o outro, conforme relacionado, a partir dos conceitos de Fontes (2013), que explora os conceitos de amabilidade urbana, por meio de atributos dos lugares. (Diagrama 01).

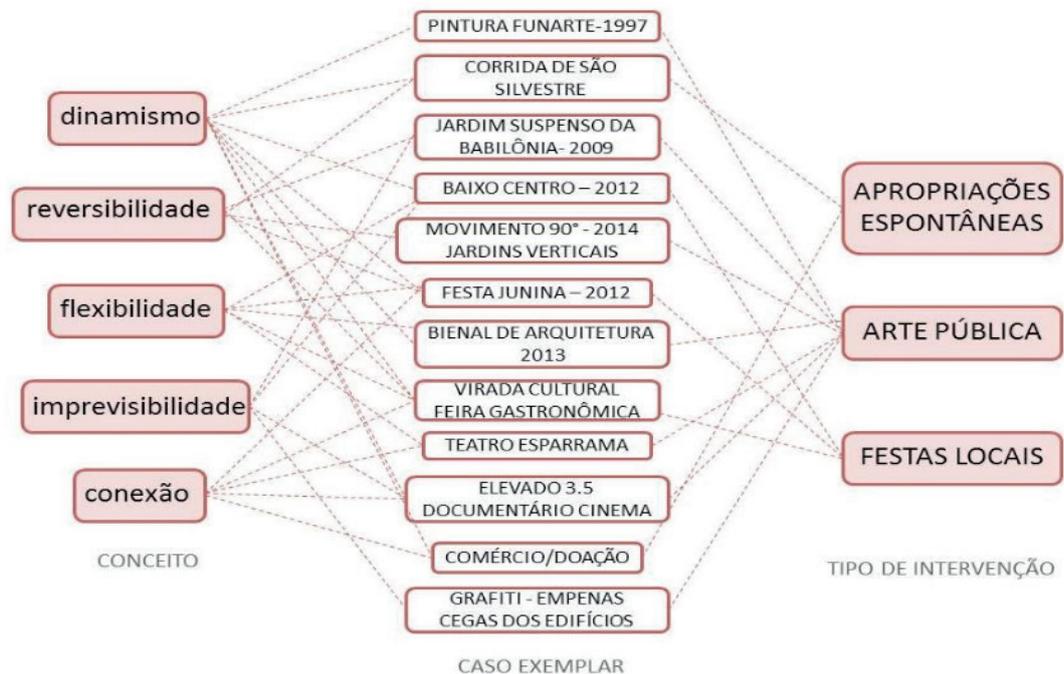


Diagrama 01: Esquema - Leituras do Lugar.

FONTE: Tabela executada pela autora. (FONTES, 2013).

As manifestações de caráter artístico encontradas na superfície inferior (baixios) do Minhocão têm caráter temporário e tomam a estrutura, principalmente os pilares, como suporte, as intervenções podem ser caracterizadas como Arte urbana (FONTES,2013). Têm caráter pequeno, pontual e relacional, com suporte físico nos pilares e dimensões que se assemelham a grandes telas de pintura e se relacionam com os transeuntes da região, tanto de automóveis, quanto pedestres e ciclistas. São participativas, pois acontecem com a participação espontânea daqueles sujeitos que procuram intervir e deixar sua marca na cidade, através da arte.

Essa qualidade leva as intervenções a ativarem os locais em que estão inseridas, onde possuem características subversivas e particulares. Os baixios do Minhocão apresentam os conceitos, revelados através das intervenções de arte urbana e dos usos espontâneos: dinamismo, uma vez que revelam uma nova atitude em relação ao espaço; flexibilidade, já que revelam a abertura para diversas apropriações; e conexão de pessoas, de usos e de espaços públicos. Apesar da rejeição que o equipamento suscita nos usuários, constatou-se que eles encontraram modos de reinventar a sua vocação original, transformando sua estrutura, no caso dos pilares, ou reinventando usos e fluxos, como é o caso das apropriações realizadas

no tabuleiro, parte superior do elevado. A apropriação se dá em diversos formatos, mas o que se verifica nos baixios do Elevado é o caráter artístico das intervenções. Na parte superior, as apropriações têm caráter espontâneo, enquanto nos baixios as intervenções de arte urbana manifestam as disputas, as inquietações, as revoltas daqueles sujeitos deixados de lado, os anti-sujeitos que a sociedade procura ocultar.

Essa visibilidade das relações encontradas na cidade, sejam elas de caráter cotidiano, ou de caráter efêmero, que se dá por meio da observação do uso do público e das apropriações dos espaços coletivos, estimula reflexão acerca de novas possibilidades de leitura do espaço, consistindo em variáveis de projeto importantes para o pensamento das cidades e dos projetos urbanos.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, P. (2007). “**Reflexões sobre o espaço público atual**”. In: LIMA, E. F. W. e MALEQUE, M. R. (orgs.). Espaço e cidade – conceitos E leituras. Rio de Janeiro, 7Letras.

ARANTES, Otília, “**Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas**”. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (org.). 5ª ed. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos, Petrópolis, Vozes, 2009.

ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia. **Caminhos do Elevado: Memória e Projetos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Campinas: Papyrus. 1994, p.73.

CAMPOS, Candido Malta. **Eixo da Ambiguidade: a região da Avenida São João nas inversões do tempo**. In: ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia. **Caminhos do Elevado: Memórias e Projetos**. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. p19/43.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. 1ed. São Paulo: Ed.G.Gili, 2013.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera. **Outros espaços e tempos, heterotopias**. In: **1º Congresso Internacional Espaços Públicos**, 2015, Porto Alegre. Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. único. p. 1-12. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf. Acesso em: 20.ag.2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia**. Vols 2,3,4 e 5. Rio de Janeiro, Editora 34, 2005.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra - Faperj, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos Entre Lugares: Sobre A Importância Do Trabalho Conceitual**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

GUILLÉN, Maria Isabel Camañes et al. **Sob [re] o Minhocão: apropriações, arte e festa**. 2016.187 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2887>. Acesso em: 20.ag.2017.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 2ª. Ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2012.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes (1998), **O que pode o ativismo de bairro?** Reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista. Dissertação de Mestrado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

VILLAC, M. Isabel. **Cultura e Sociedade – o projeto; significado e valor**. Relatório de pesquisa. São Paulo: Fundo Mackenzie de Pesquisa - Mackpesquisa, 2016.

ZIONI, Silvana; KATO, Volia RC. **Espaço público urbano e vida cotidiana**. In: III Enanparq. São Paulo. 2014, disponível em < http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-EPC-003-3_KATO >. Acesso em 22.09.2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 93, 194, 197, 204, 314, 388, 453
Apropriações 217, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 424
Argamassa 103, 393, 395, 396, 407, 409, 410, 411, 412, 415, 465
Arqueologia Pós Desastre 96, 99
Arquitetura moderna 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 368, 417, 420, 422, 457
Arquitetura sensorial 1
Automação 357, 363, 364, 368, 369
Avaliação pós-ocupação 290, 292, 293, 301

B

Bacia de evapotranspiração 357, 365

C

Capoeira 37, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146
Concreto 20, 56, 57, 102, 104, 166, 224, 365, 366, 380, 381, 382, 384, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 402, 404, 405, 406, 407, 410, 413, 415, 416, 457, 459, 461, 465, 466
Construção sustentável 357, 359
Cultura 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 46, 47, 48, 52, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 95, 99, 106, 123, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 152, 162, 163, 164, 165, 168, 170, 173, 174, 175, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 216, 219, 223, 229, 230, 241, 242, 254, 286, 381, 422, 437, 448, 452, 457, 460, 468

D

Desastre ambiental 244
Documentação 12, 32, 42, 54, 58, 72, 80, 83, 90, 93, 94, 106, 117, 118, 325, 356, 383, 462

E

Educação patrimonial 92, 93, 151, 159, 192, 199, 200
Engenharia pública 302, 303, 304, 311, 314
Espaço de preservação 1
Espaço público 147, 155, 156, 157, 195, 197, 198, 202, 208, 210, 213, 214, 215, 217, 219, 225, 227, 229, 230, 276, 283, 287, 288, 289
Expansão urbana 256, 257, 259, 260, 261, 263, 276, 302, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 312, 314

F

Fontes renováveis 370, 371, 373

H

Habitação 64, 194, 233, 264, 270, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 314, 316, 319, 321, 327, 344, 440, 442, 448, 451, 457, 466, 468

Habitação de interesse social 270, 301, 319, 327

Habitação evolutiva 290

I

Impacto socioambiental 244

Inventário 59, 63, 79, 80, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 147, 178, 179, 180, 181, 182, 323, 445

M

Manutenção 42, 51, 149, 151, 154, 183, 204, 206, 209, 213, 215, 236, 239, 247, 280, 285, 298, 329, 341, 347, 349, 350, 351, 352, 380, 381, 382, 386, 388, 390, 391, 429, 452, 455, 459, 484, 490

Matriz energética 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379

Meio ambiente 1, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 47, 159, 161, 165, 170, 196, 244, 245, 248, 254, 255, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 356, 366, 370, 372, 375, 394, 395, 404, 407, 447, 448, 462, 467, 468

Memória 14, 15, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 42, 46, 47, 54, 58, 70, 72, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 106, 109, 141, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 165, 172, 174, 178, 183, 216, 229, 238, 241, 243, 246, 282, 288, 423

Memória coletiva 34, 38, 42, 46, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 158, 165, 174, 183

Mineração 35, 46, 96, 97, 105, 107, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Museu 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 30, 43, 65, 81, 82, 106, 154, 169, 170, 185, 186, 192, 193, 196, 197, 200, 409, 480, 490

P

Paisagem 2, 32, 34, 35, 38, 40, 46, 47, 81, 87, 98, 107, 120, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 220, 222, 244, 245, 246, 247, 250, 252, 255, 279, 280, 284, 285, 288, 289, 424, 437, 453

Parque 1, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 43, 44, 45, 122, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 221, 224, 251, 254, 308, 311, 372, 436, 480, 484, 490

Patologias 101, 313, 380

Patrimônio 4, 5, 14, 32, 35, 42, 45, 48, 50, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 120, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 187, 188, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 231, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 260, 278, 279, 280, 282, 285, 288, 289, 310, 370, 381, 422, 446, 449, 453, 491

Patrimônio cultural 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 90, 95, 96, 100, 105, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 190, 200, 244, 245, 253, 255, 370, 491

Patrimônio histórico 5, 14, 54, 63, 64, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 89, 95, 107, 114, 136, 141, 148, 152, 163, 180, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 255, 278, 280

Patrimônio industrial 32, 35, 42, 45, 231

Pintura 10, 19, 85, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 130, 138, 154, 228, 237

Planejamento urbano 120, 275, 278, 289, 321, 439, 440, 441, 443, 444, 470, 472, 487, 488, 491
Policromia 108, 109, 110, 111, 120
Pontes 380, 381, 382, 391, 392
Preservação 1, 2, 3, 8, 12, 32, 42, 46, 48, 50, 51, 59, 63, 64, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 106, 109, 110, 120, 136, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 158, 163, 164, 165, 168, 172, 174, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 249, 280, 286, 289, 310, 319, 332, 427, 453, 463, 477, 491

R

Reconstituição 14, 24, 391
Regularização fundiária 302, 304, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327
Resíduos 299, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 393, 394, 395, 396, 404, 405, 406, 407, 408, 414, 415, 452, 453, 465, 467
Resíduos sólidos urbanos 331, 333, 334, 335, 338, 339, 341, 344, 394

S

Serviço social 134, 135, 136, 144
Sustentabilidade 6, 89, 170, 194, 200, 246, 255, 284, 291, 344, 346, 354, 358, 361, 366, 367, 369, 446, 447, 448, 452, 459, 468

T

Teatros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 31, 81, 225
Território 41, 74, 82, 159, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 187, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 227, 248, 254, 318, 329, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 430, 433, 434, 436, 438, 448, 453, 463, 466, 471, 472, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 482, 484, 490

V

Valorização 4, 42, 48, 49, 87, 93, 95, 113, 145, 148, 156, 164, 175, 187, 190, 191, 195, 197, 199, 283, 308, 458

